

# Revista Filosófica de Coimbra

---

VOL. 3 • N.º 5 • MARÇO 94

---

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Retórica, Hermenêutica e Filosofia*

MARINA RAMOS THEMUDO - *Ao Princípio era a Acção? Observações acerca das notas 611-660 das Philosophische Untersuchungen de Ludwig Wittgenstein*

MARIA LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Retórica e Apropriação na Hermenêutica de Gadamer*

BEN SCHOMAKERS - *The Blindness of Contemplation. On thinking according to Aristotle*

AMÉRICO LOPES DA SILVA - *Reencontro com Albert Camus*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS - *Wallace e a Lógica da Descoberta científica em Galileu. A propósito da edição recente dos Tratados Lógicos de Galileu*

O estudo de Chesnut que recenseamos, ocupa-se ainda de Gregório de Tours, que se aproxima da teologia agustinista de uma forma que Orósio não soube fazer, de Otto de Freising (séc. XII), muito menos agustinista do que à primeira vista o título da sua obra o faria prever (*História das duas Cidades*). O capítulo termina com algumas explorações interessantes no que diz respeito à revivescência de algumas dimensões eusébricas, como a imagem do soldado de Cristo ou a do monarca cristão ou a temática da natureza da providência divina. Em relação a este último ponto, mais filosófico do que o anterior, o A. sublinha o esforço despendido por E. C. no ataque ao fatalismo pagão recorrendo, para tal, à definição técnica de "acaso" por Aristóteles (*Phys.* B 5. 197 a). A Providência aparece-nos aqui como o controle de Deus sobre os "acidentes" da História, designação que certos bizantinos (Sócrates Escolástico, Sozomeno e Evágrio Escolástico) preferiram traduzir em termos de "kairós", o momento oportuno. Mas também neste ponto Agostinho representa um outro modelo. Para o A. estão portanto em causa duas alternativas: a de Eusébio, para quem a Providência nos aparece em termos de manipulação divina de situações ocasionais que aparentemente entram em conflito por forma a produzir padrões de grande alcance histórico; e a de Agostinho, para quem a Providência é vista como um padrão construído a longo prazo segundo a forma determinística causa/efeito. Saber se esta alternativa, assim enunciada, pode colher, é o que o A. não discute, e outra coisa, não menos difícil, é saber se elas encontram equivalente acolhimento nos vários modelos historiográficos lembrados.

O relevo particular que demos ao estudo de Chesnut permite-nos ficar com uma ideia do elevado valor deste grosso volume. Com poucas excepções, quase todos os contributos reunidos representam o que de mais avançado há no quadro dos estudos eusébricos. Recomenda-se, por isso, esta obra, a todos (historiadores, filósofos e teólogos) interessados ou neste pensador e na variedade dos seus objectos mentais ou no período tão decisivo em que ele viveu. O conjunto destes estudos, pela solidez da erudição que os sustenta, permitir-nos-ão voltar ao passado de uma forma segura gizando a sua ultrapassagem. Sem estes relevantes contributos da história, a filosofia seria um cego delírio, mas se o filósofo não souber ultrapassá-la arrisca-se a tornar o seu discurso um puro vazio.

Para os interessados, a título de informação, não queremos acabar sem referir a existência, entre nós, da Associação Internacional de Estudos Patrísticos (com sede em Paris) cujo Correspondente para Portugal é actualmente o Dr. Alves de Sousa (cf. J. G. Freire, in *Theologica*, 18: 1985, 703).

Mário A. Santiago de Carvalho

BAXTER, Timothy M.S. *The Cratylus, Plato's critique of naming*. *Philosophia Antiqua* 58. (Leiden - New York - Köln: E. J. Brill, 1992).

O leitor dos diálogos platónicos deve estar preparado para as mais diversas supresas num género literário único na história do pensamento ocidental. A esta diferença pertence o facto de o texto platónico não nos fornecer imediatamente teses platónicas. Daí que quando falamos, genericamente, de uma filosofia da linguagem no *Crátilo* não estamos já a pensar numa reconstrução de uma filosofia da linguagem caracteristicamente platónica mas antes numa etapa anterior que deveria procurar reconstruir com a máxima coerência possível os fragmentos teóricos analisáveis no texto em apreço. A atribuição a este ou àquele domínio disciplinar é questão a reapreciar posteriormente. Isto não impede que se coloque logo de início a questão de saber qual é o tema central do diálogo. A resposta

a esta questão não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Considerá-lo um dos primeiros documentos de uma filosofia da linguagem é demasiado vago para os amantes do rigor filológico. Indo à letra do texto buscar a resposta encontramos a *orthotes ton onomaton* como tema da discussão. As traduções oscilam entre a "justeza/correção dos nomes" e "justeza/correção das palavras". Se a tradução de *onomaton* por "palavra" é demasiado vaga, a tradução mais corrente ("nomes") parecer ser demasiado restritiva. De facto, se lermos com atenção a segunda parte do diálogo - aproximadamente dois terços da obra - encontramos uma série de análises tradicionalmente tidas como etimológicas de mais de cem palavras. Entre elas encontramos os nomes de entidades tão distintas como: deuses, heróis, figuras históricas, rios, colinas, etc; designações da divindade, homem, água, razão, opinião, verdade, prazer, alegria, desejo, necessidade, etc bem como toda uma série de palavras que designam actividades. Como sublinha E. Heitsch, se usarmos a terminologia da gramática tradicional que classifica as palavras de uma língua em nomes, pronomes, artigos, adjectivos, verbos, numerais, advérbios, conjunções, preposições e interjeições verificamos que destas dez categorias de palavras o *Crátilo* contempla apenas três: nomes, adjectivos ou verbos (Ernst Heitsch, "Platons Sprachphilosophie im *Kratylos*" in *Hermes* 113 (1985): 45). Se, pelo contrário, usarmos uma terminologia corrente na lógica contemporânea chegamos à conclusão que o texto platónico considera a questão da correção/ exactidão apenas ao nível dos nomes e predicadores. O facto de optarmos pelo termo *designação* não contribui, por si só, para o esclarecimento da questão. Este passa pela interpretação e articulação das três partes do diálogo. Nesta tarefa uma das coisas mais difíceis é encontrar um lugar exacto para as etimologias que preenchem a segunda parte do *Crátilo*.

O texto de Timothy M. S. Baxter apresenta-se com a pretensão de oferecer uma interpretação global do *Crátilo* que integre como sua componente central a análise desenvolvida na segunda parte do diálogo. Isto constitui, de facto, mais do que uma boa desculpa para acrescentar mais um título à já numerosa bibliografia sobre este diálogo platónico. Muitos dos estudos mais recentes concentram a sua atenção na primeira e terceira parte ignorando as etimologias. Porém, os problemas não se reduzem à interpretação da segunda parte. Começam logo na delimitação do tema em análise, estatuto e lugar das teses em presença bem como no interesse do texto, na sua globalidade, como resposta às interrogações expressas pelos interlocutores. Não admira, portanto, que eminentes exegetas do texto platónico tenham avaliado o interesse e a qualidade deste diálogo das maneiras mais diversas. T. M. S. Baxter não pretende responder directamente a estes intérpretes mas apenas indirectamente apresentando uma interpretação do *Crátilo* que faça justiça a todos os elementos integrantes do texto e que seja, ao mesmo tempo, suficientemente interessante para levar o leitor moderno a ler o texto platónico *todo*. Se o consegue ou não e em que medida é algo que cada leitor de Baxter deverá responder. Adiantaremos, desde já, que o seu texto aponta no sentido de tornar a leitura do *Crátilo* a um tempo mais imperiosa e muito mais exigente.

No cap. 1, Baxter reconstrói as teorias de Crátilo e Hermógenes, esboçadas logo no início do diálogo platónico. Fica em aberto a questão de saber se se trata de uma teoria meramente descritiva ou prescritiva da linguagem. Em qualquer dos casos, parece tratar-se de uma teoria geral da linguagem no sentido de que a reflexão a desenvolver se aplica a todas as línguas e não apenas ao grego (9). Sublinhando o facto de Hermógenes ser apresentado como alguém que gosta de discutir as mais diversas opiniões, Baxter atribui-lhe um lugar mais central no diálogo do que muitas interpretações em função da fragilidade da perspectiva teórica que lhe é atribuída. A discussão entre Hermógenes e Crátilo permanece estéril porque a compreensão da linguagem de que ambos partem não lhes permite explicar a possibilidade do erro, do uso incorrecto da linguagem, da

inexactidão. Isto apesar de manterem posições diametralmente opostas: naturalismo e convencionalismo.

Relativamente ao problema de Crátilo - como conciliar o Crátilo do *Crátilo* com os vários testemunhos de Aristóteles sobre Crátilo - Baxter acolhe, no essencial, a sugestão de D. J. Allan. Platão e Aristóteles estariam a falar de diferentes etapas da vida de Crátilo. Supondo que este teria alterado as suas teses filosóficas em pontos nucleares terminando num cepticismo radical. Assim, o Crátilo da juventude seria do *Met.* A 6 e o de  $\Gamma$  5 o da velhice. Sendo assim, o *Crátilo* de Platão incluiria a dramatização de uma figura histórica com alguma importância na biografia platónica independentemente do facto de a relação mestre - discípulo ser aplicável ou não (27-29).

No cap. 2, Baxter reconstrói a teoria socrática no sentido de uma teoria prescritiva da linguagem. Neste sentido, as afirmações nela contidas não devem ser criticadas pelos simples factos de não descreverem o modo como a linguagem funciona numa ou várias línguas naturais. Trata-se, portanto, de reflectir sobre os fundamentos de uma teoria da linguagem filosoficamente aceitável. O que se procura é um modelo que possa permitir uma re-avaliação das línguas existentes, sob o ponto de vista filosófico. Baxter pergunta-se, neste contexto, pela razão que terá levado tantos leitores a ver no *Crátilo* um tratado sobre a origem da linguagem (42). Rejeitando a hipótese de Robinson - influência da leitura epicureana - por falta de testemunhos inequívocos nesse sentido, inclina-se mais para a ideia de que é a própria posição assumida no diálogo pela figura titular que leva muitos leitores a essa interpretação. Nomear e expor as etimologias são dois aspectos fulcrais de um mesmo saber técnico, semelhante ao da medicina, baseado em princípios racionais (51). Por outro lado, Sócrates não pretende ter conseguido mais do que uma compreensão mais exacta das opiniões de Homero acerca dos nomes. Aqui, como sempre, a reserva perante a palavra escrita. Assumindo que o projecto do *Crátilo* pode ser adequadamente caracterizado como um ideal prescritivo Baxter interroga-se sobre a validade deste método reflectindo acerca de algumas objecções possíveis a uma teoria platónica da linguagem ideal (51-55).

A teoria prescritiva reconstruída no cap. 2 não passa de um esboço preliminar como se pode depreender de *Crátilo* 391a4-b2. Assim, a discussão etimológica dos nomes gregos pode ser lida como uma tentativa de aplicação daquele esboço. Partindo deste pressuposto, Baxter procura, no cap. 3, precisar melhor os contornos da teoria socrática contrastando as etimologias do *Crátilo* com a etimologia moderna (56-85). Um dos objectivos estratégicos deste capítulo é explicar o porquê da utilização de dois métodos diferentes para analisar as etimologias - o semântico e o mimético - bem como a possibilidade de os integrar num mesmo saber acerca da correcção dos nomes.

Actualmente a etimologia representa um domínio da linguística histórica e comparativa sendo praticamente ignorada ao nível da linguística geral. Os autores contemporâneos não se cansam de sublinhar o carácter "respeitável" das etimologias modernas em contraste com a arbitrariedade e fantasia que dominam as etimologias do *Crátilo*. De facto, Baxter reconhece que a etimologia moderna, ancorada na linguística diacrónica, não pode contribuir significativamente para iluminar o texto platónico (62). Contudo, não se furta à tarefa de interpretar a parte descritiva do diálogo. Não desconhece o facto de muitas das etimologias apresentadas no texto platónico parecerem ridículas ou arbitrarias ao leitor de hoje. Contudo, importa saber porque é que Platão lhe deu tanto relevo preservando mais de uma centena. Se, como alguns querem, Platão pretendia apenas ridicularizar ou parodiar pensadores anteriores ou contemporâneos seus seria interessante saber quem são os alvos da crítica platónica. Baxter reconhece que as várias tentativas de responder a estas questões não tem conseguido reunir um consenso mínimo em grande parte porque não temos textos antigos que possam fornecer uma base suficiente para a

prática da análise de etimologias nas épocas clássica e pré-clássica (86). Apoiando-se muito na obra de V. Goldschmidt, Baxter tenta encontrar a reyposta que lhe parece mais satisfatória para a leitura deste trecho difícil mantendo sempre aberta a linha de continuidade com a primeira e a terceira e última parte (86-106). Um dos resultados importantes da análise das etimologias é que elas são um instrumento pouco seguro na busca do saber acerca das coisas. O que está em causa, nesta interpretação, é a pressuposição impensada de muitos poetas e sábios, de Homero aos Sofistas, de que a linguagem - neste caso, a língua grega nas suas mais diversas configurações, diz, de facto, como é que as coisas realmente são.

Baxter não ignora a quantidade de problemas que se levantam neste contexto a começar pelos que se situam ao nível da composição do próprio texto do *Crátilo*. Por isso, no cap. 5, procura explorar algumas referências a possíveis alvos das etimologias (107-163). Seguindo a divisão das etimologias em três grandes grupos (nomes de divindades, nomes referentes ao domínio da *physis*, nomes que designam virtudes e vícios), depois de uma breve discussão do papel de Eutifron, Baxter analisa a função das etimologias em Homero e nos filósofos-poetas, nos seguidores de Anaxágoras e Diógenes sem esquecer os sofistas (Protágoras e Pródico). A hipótese de trabalho, como vimos, é que Platão pretende criticar vários representantes da cultura grega pelo facto de não terem compreendido correctamente a relação entre os nomes e as coisas designadas. Baxter tem consciência de não ter conseguido produzir uma prova concludente mas contribuiu, de certo, para tornar mais plausível a sua leitura. Finalmente, aborda no cap. 6, a refutação de Crátilo (164-183). Aqui interessa não tanto a discussão da aporia final, objecto de numerosos estudos quanto a articulação daquela com a análise das etimologias.

O estudo de T. Baxter não conseguirá convencer todos os leitores da justeza das suas sugestões de leitura. Mas poderá contribuir para estimular alguns leitores no sentido de uma leitura unificada do texto platónico e, *last but not least*, contribuir decisivamente para a generalização da convicção de que a leitura do *Crátilo* pode revelar-se relevante, sob o ponto de vista filosófico, para o leitor hodierno.

António Manuel Martins

HARDY, L. & EMBREE, L. (Eds), *Phenomenology of natural science*. Contributions to Phenomenology 12 (Dordrecht/Boston/London: Kluwer, 1992) XIV + 301 pp.

A publicação deste volume é considerada pelos seus editores como o sinal claro da emergência de uma tendência fenomenológica no seio da filosofia da ciência praticada nos E.U.A. na sub-disciplina da filosofia das ciências da natureza. De entre os que se destacaram neste movimento, merece especial referência A. Gurwitsch pelo trabalho pioneiro realizado nos anos 50. A título simbólico publica-se, neste volume, postumamente, um breve apontamento sobre *Física e Fenomenologia* (35-44) que constituiu o comentário de Gurwitsch a uma conferência homónima de Henry Margenau em 1943. Muitos dos trabalhos presentes neste volume colhem a sua inspiração no Husserl da maturidade muito particularmente na *Crise das ciências europeias e fenomenologia transcendental*. Um denominador comum a estes trabalhos é a procura de novas bases para repensar o realismo científico face aos dados mais recentes da investigação científica nos domínios da física e da biologia bem como aos desafios lançados pela nova filosofia da ciência.